



MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE SERGIPE
PROCURADORIA GERAL DE JUSTIÇA
COORDENADORIA DE COMUNICAÇÃO
RECORTE DE JORNAIS

18 | CADERNO 1 SEGURANÇA PÚBLICA

WhatsApp: (79) 9647-3370
E-mail: ouvidoria@cinform.com.br

CINFORM

www.cinform.com.br

ANJ

Aracaju – SE, Ano 32, Edição 1688
17 a 23 de agosto de 2015

JULGAMENTO

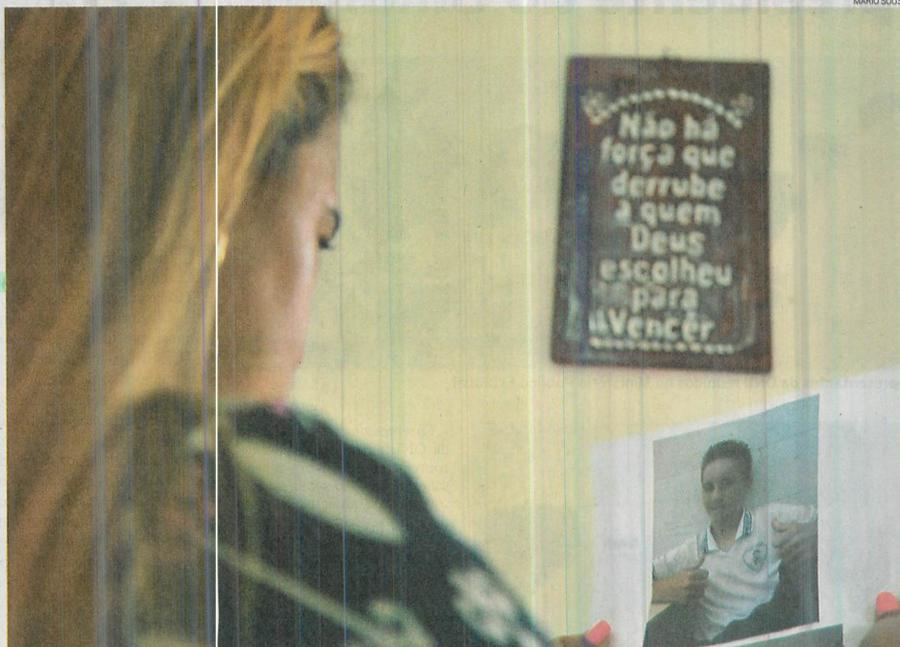
Defesa e acusação do caso David Philip serão ouvidas nesta terça

Três policiais são acusados, sendo que um responde por homicídio e outros dois por fraude processual, por implantar arma junto à vítima. O crime aconteceu em março de 2014

■ O Ministério Público Estadual começa as oitivas das testemunhas de defesa e acusação do assassinato de David Philip Motta Santos, de 17 anos, ocorrido em março do ano passado, nesta terça-feira, dia 18, no fórum de Socorro. "Minha expectativa é que a Justiça vai ser feita. Tenho certeza de que Deus está do meu lado e que tudo vai dar certo. Esse homem vai pagar pelo crime que cometeu", diz a mãe do garoto, Vanuza Mota.

O cabo da PM Djalma Lima Santos, pai de David Philip, está ansioso pelo desfecho do caso e aguarda ver os acusados presos. "Esperamos que haja a elucidação desse assassinato. Não vamos ficar satisfeitos nunca, mas que seja feita justiça, para que fortaleça o ânimo de cada familiar que continua vivendo", afirma ele.

David Philip foi alvejado na cabeça quando estava em uma moto com Leonardo Rodrigues do Nascimento, conhecido como Leozinho, no Parque dos Faróis, em Socorro, logo após deixar a loja da mãe, onde trabalhava. A informação é de que um policial da Radio-



Vanuza, a mãe: "Minha expectativa é que a Justiça vai ser feita"

Ela, também, lembra que seis meses depois que o filho foi morto, executaram uma das principais testemunhas do crime, o Leozinho

patrulha abordou o garoto e deu voz de prisão, mas David reagiu e apontou uma arma para os PMs. Com isso, o policial efetuou o disparo contra o adolescente à queima-roupa.

EXECUÇÃO

Segundo Vanuza da Mota, há alguns meses, o irmão dela, que é uma das testemunhas de defesa, recebeu ameaças de morte. Ela, também, lembra

que seis meses depois que o filho foi morto, executaram uma das principais testemunhas do crime, o Leozinho. "E, até hoje, ninguém sabe quem assassinou esse menino. Ele era a principal testemunha do caso e já não está mais presente", afirma.

Antes de ser morto, Leozinho deixou gravações. "Ele foi ouvido pelo MP, depois pelas Polícias Civil e Militar e Se-

cretaria de Direitos Humanos. Então, as verdades dele estão todas, aqui, na terra ainda. Ele prestou todas as declarações de como aconteceu o crime", diz Vanuza. "São declarações muito importantes que estão registradas e vão ajudar na elucidação do assassinato do meu filho", ressalta o pai de David Philip.

Já Djalma Santos prefere não interligar os fatos, pois

não há provas de que a execução de Leo esteja ligada à morte de seu filho. "Fomos ao MP porque a promotoria quis se informar se as testemunhas estão bem para fazer suas declarações e se estão recebendo algum tipo de ameaça. Temos certeza de que o MP está preocupado com isso também. Esperamos que, na terça, todos compareçam e reafirmem o que já disseram na delegacia e no inquérito feito pela PM", diz.

FRAUDE PROCESSUAL

Dois policiais que estavam com o 1º tenente, Jamisson dos Santos, acusado de matar o garoto, são suspeitos de introduzirem a arma que estaria na posse de David Philip no local do crime. São eles o cabo Saulo Farias Santos Silva e o soldado Bruno do Nascimento. Os dois estão entre as seis testemunhas de acusação, mas não estarão presentes no fórum de Socorro na próxima terça porque não foram localizados em seus endereços. "No entanto, eles podem ser encontrados no quartel do comando", informa Djalma Santos.

O inquérito concluído pela delegacia de Homicídios Tereza Simony conclui que David Philip estava desarmado no momento em que os policiais realizaram a abordagem. "Os três policiais envolvidos responderão por crime contra a vida ou homicídio simples e crime contra a administração da Justiça e fraude processual, já que os policiais tentaram plantar um revólver na cena do crime", afirma a delegada. ■

